

## MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO: um diálogo para pesquisa sobre a qualidade de vida

Welton Cardoso Júnior<sup>1</sup>  
Claudio Pinto Nunes<sup>2</sup>  
Berta Leni Costa Cardoso<sup>3</sup>

**Resumo:** Este texto apresenta um diálogo possível entre o método do Materialismo Histórico-Dialético (MHD) com o fenômeno da qualidade de vida. Analisar o mundo sob a ótica do MHD seria o mesmo que entender seus fenômenos a partir de um determinismo econômico que está sempre em um plano nuclear. Desse contexto todo o resto se derivaria. Assim, o materialismo acaba por dividir os homens em classes antagônicas, a de quem tem propriedade sobre os meios de produção e a de quem só possui a sua força de trabalho para sobreviver. Essa filosofia se prestaria então para a compreensão das construções teóricas que envolvem as pesquisas com o tema da qualidade de vida. Nesse sentido, propõe-se a reflexão de que este método, em prática, assegura a possibilidade de interpretar estes fenômenos na perspectiva do profissional da Educação Superior. O texto propõe esse diálogo como possível e necessário.

**Palavras-Chave:** Materialismo Histórico-Dialético. Método de pesquisa. Qualidade de vida.

## HISTORICAL-DIALECTIC MATERIALISM: a dialogue for research on the quality of life

**Abstract:** This text presents a possible dialogue between the method of Historical-Dialectical Materialism (MHD) with the phenomenon of quality of life. Analyzing the world from the perspective of the MHD would be the same as understanding its phenomena from an economic determinism that is always at a nuclear level. From this context all the rest would derive. Thus, materialism ends up dividing men into antagonistic classes, those who own the means of production and those who only own their labor power to survive. This philosophy would then lend itself to the understanding of the theoretical constructions that involve research on the theme of quality of life. In this sense, it is proposed to reflect that this method, in practice, ensures the possibility of interpreting these phenomena from the perspective of the Higher Education professional. The text proposes this dialogue as possible and necessary.

**Key words:** Historical-Dialectical Materialism. Research method. Quality of life.

<sup>1</sup>Advogado e Médico. Pós-graduado em Neurologia pela Santa Casa de Belo Horizonte-MG e em Docência do Ensino Superior pela Universidade Norte do Paraná. Mestrando em Educação pela Universidade Estadual da Bahia- UESB- PPGEd. Diretor Clínico do Instituto de Neurologia e Radiodiagnóstico de Guanambi - Bahia. E-mail de contato: [weltoncardosojr@gmail.com](mailto:weltoncardosojr@gmail.com)

<sup>2</sup>Professor Pleno da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Líder do Grupo de Pesquisa em Didática, Formação e Trabalho Docente (DIFORT). Bolsista de Produtividade em Pesquisa pelo CNPq. E-mail de contato: [claudionunesba@hotmail.com](mailto:claudionunesba@hotmail.com)

<sup>3</sup>Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade do Sudoeste da Bahia – PPGED/UESB. Doutora em Educação Física pela UCB. Pós-doutora em Educação pela UESB. Líder da NEPEAF e Membro do DIFORT. E-mail de contato: [bertacostacardoso@yahoo.com.br](mailto:bertacostacardoso@yahoo.com.br)

## **MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO: un diálogo para la investigación sobre la calidad de vida**

**Resumen:** Este texto presenta un posible diálogo entre el método del Materialismo Histórico-Dialéctico (MHD) con el fenómeno de la calidad de vida. Analizar el mundo desde la perspectiva del MHD sería lo mismo que comprender sus fenómenos desde un determinismo económico siempre a nivel nuclear. De este contexto derivaría todo lo demás. Así, el materialismo acaba dividiendo a los hombres en clases antagónicas, los que poseen los medios de producción y los que sólo poseen su fuerza de trabajo para sobrevivir. Esta filosofía se prestaría entonces a la comprensión de las construcciones teóricas que envuelven investigaciones sobre el tema calidad de vida. En ese sentido, se propone reflexionar que este método, en la práctica, asegura la posibilidad de interpretar estos fenómenos desde la perspectiva del profesional de la Educación Superior. El texto propone este diálogo como posible y necesario.

**Palabras clave:** Materialismo Histórico-Dialéctico. Método de investigación. Calidad de vida.

### **Introdução**

A docência no Ensino Superior é uma atividade educativa que se realiza pela articulação de múltiplos elementos organizacionais com o objetivo de atender às demandas da sociedade e em prol de sua evolução. Pela sua importância, o docente é o elemento humano que figura na posição nuclear dessa atividade e, dessa maneira, a sua qualidade de vida e as suas relações de adoecimento em função do trabalho constituem importantes condicionantes para o seu desempenho.

Para que se observe a qualidade de vida e o adoecimento do docente do Ensino Superior num contexto de grave pandemia é preciso compreender se há condições para a interpretação dessa realidade sobre determinada perspectiva ou método de análise. A ciência precisa criar hipóteses e/ou testá-las de modo que estas hipóteses se mantenham ou que sejam refutadas. Todas as tensões presentes nesse contexto precisam ser pensadas com uma lógica de questionamento constante, a sua problematização. O processo de leitura da realidade precisa ser, portanto, continuamente questionado.

A escolha de um método de discussão para os fatos investigados em uma pesquisa científica é de fundamental importância para o pesquisador. Esse método deve ser apresentado para a perspectiva quanto às consequências lógicas que vão permitir a compreensão mais fidedigna da realidade, daquilo que é visto no mundo. Nesse sentido, propomos um diálogo possível entre a pesquisa em tela e o método do Materialismo Histórico-Dialético (MHD).

O MHD é uma concepção de mundo desenvolvida por seus pensadores alemães no século XIX, Karl Marx e Friedrich Engels. Ele trabalha com noções de interesses econômicos de uma classe que produz distorções da realidade falseando determinadas aparências, e assim, cria uma alienação na classe antagônica. Esta última, por sua vez, é vista como classe explorada e em cada momento histórico poderia atender aos interesses mercantis da primeira e a seu próprio desfavor. É, portanto, uma filosofia que pensa o sujeito e suas relações a partir de sua materialidade, de sua existência real e de suas vicissitudes, mas que aqui será tratada numa perspectiva de elementaridade, por uma simplificação, meramente didática, em relação ao sujeito e aos objetos que serão pesquisados.

Assim, o que se propõe é analisar a existência partícipe de um movimento hegemônico que determina a totalidade do fenômeno da qualidade de vida e do adoecimento docente. O que se pretende com este texto é pensar nessa possibilidade, propondo um diálogo entre as categorias clássicas do MHD com as categorias teorizadas no projeto de pesquisa em tela.

### **Um elementar do Materialismo Histórico-Dialético**

Antes de adentrar no cerne da questão deste texto, insta a tentativa de delimitar o que significa tratar de algo tão complexo como a teoria ou método do Materialismo Histórico-Dialético (MHD). Elementar neste texto assume o significado de primário, básico, simples e fácil. Certamente não bastaria esse predicado para uma proforma acadêmica especializada de filosofia, sociologia ou de economia política, ou sequer o seria num debate mais profundo e virtuoso de ideias posto que se trata de um método utilizado para pensar os fenômenos sociais daquele e deste mundo. Donizeti (2016) ensina a posição humanista do renomado filósofo Jean Paul Sartre sobre o Marxismo. Segundo ele, Sartre teria afirmado que se trata de uma filosofia insuperável, e assim, por consequência, também o seu método. O “elementar” aplicado no enunciado deste item seria uma simplória tentativa de objetivar a evocação do método referido, partindo para a compreensão básica da sua perspectiva.

Marx se debruçou sobre a análise da realidade capitalista nas sociedades estatais. De acordo com o historiador do Marxismo e professor de economia, Dr. João Antônio de Paula: “Enquanto a realidade capitalista existir, nas suas formas, nas suas consequências, o marxismo continuará sendo o mais importante instrumento analítico de intervenção” (PAULA, 1992,

p. 20). Desse entendimento se extrai, elementarmente, que onde existirem relações capitalistas permeando a sociedade sob a égide de um Estado, suas relações e fenômenos sociais podem ser compreendidos pelo olhar metódico do Materialismo Histórico-Dialético (MHD).

O Materialismo que enuncia o método de análise de Marx é a indicação para um olhar da realidade que se pretende estudar e que não prescinde de idealização anterior ou de pensamento prévio sobre essa realidade. Nessa concepção, o ser social existe, é de carne e osso, precisa sobreviver no mundo antes de qualquer outra coisa, precisa da materialidade de todas as coisas e precisa buscá-la de alguma forma, precisa produzi-la ou de adquiri-la. Pela visão materialista de Marx, essa forma sempre se dará por meio de uma ação humana, do trabalho humano. Assim, o homem é visto como um ser dependente da natureza e passa a querer dominá-la para atender às suas demandas. É nesse movimento de transformação da matéria que se encontra a capacidade de explicação dos fenômenos sociais, eis que aí se deslinda um método de análise, uma forma de entender o funcionamento do mundo real, interpretando as relações e interações construídas por e entre os homens que assim tornaram possível a vida em sua totalidade social.

Analisar o mundo sob essa ótica materialista seria o mesmo que entender seus fenômenos a partir de uma base econômica, de um determinismo econômico que está sempre em um plano nuclear. Desse contexto todo o resto se derivaria. Todas as demais perspectivas, estruturas, pensamentos e análises seriam edificados em função primeira dos modos de produção, sobre as diferentes formas de apropriação. E assim, o materialismo ou o critério da economia acaba por dividir os homens em classes antagônicas, a de quem tem propriedade sobre os meios de produção e a de quem só possui a sua força de trabalho para sobreviver. A partir dessa condição é que aos sujeitos seriam pré-estabelecidas as suas razões de existência ou as suas perspectivas sociais. Marx afirma que:

Sobre as diferentes formas da propriedade, sobre as condições sociais da existência se eleva toda uma superestrutura de sentimentos, ilusões, modos de pensar e visões da vida distintos e configurados de modo peculiar. Toda a classe os cria e molda a partir do seu fundamento material e a partir das relações sociais correspondentes. O indivíduo isolado, para o qual eles fluem mediante a tradição e a educação, pode até imaginar que eles constituem as razões que propriamente o determinam e o ponto de partida da sua atuação. (2011, p. 60).

Para Marx e Engels foi assim, por essa rivalidade entre antagonismos, dessa briga por perspectivas, nessa luta entre classes sociais, desse movimento de ataque e de defesa de interesses, que ao longo do tempo se acumulam os momentos históricos da humanidade. Os seres humanos, portanto, seriam movidos por sua posição social em cada lapso de tempo da História.

A História, por sua vez, seria então um sucessivo de retratos de épocas sobre “como os homens e as mulheres organizam o trabalho, produzem e distribuem o produto. Como se apropriam da natureza” (PAULA, 1992, p. 28). Um movimento que avança, mas que ora regride de acordo com essas tensões, sucessos e insucessos, de cada classe sobre a sua rival. Nessa concepção, o homem social é histórico e a humanidade perfez um caminho que lembra ao de um espiral de avanços e retrocessos a partir do momento em que determinou a propriedade e o domínio sobre coisas da natureza como objeto de supremacia ou de dominação.

Na perspectiva do Marxismo, os vários momentos históricos foram configurados por essa base material, nessa dinâmica de como operam os modos de produção econômica em cada tempo e sobre a qual foram erguidos pensamentos políticos e proposições jurídicas. “Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência” (MARX, 2008, p. 29).

E assim, em cada tempo, essa consciência sofre as suas deflexões de acordo com os panoramas econômicos neles vivenciados. A história das sociedades teria sido determinada pela base da sua economia. Por isso, cada momento histórico se apresenta de acordo com os modos de produção e a luta de classes da época. Essa historicidade é que alicerça a análise dos fenômenos sociais pelo método do materialismo histórico. É o homem que protagoniza e transforma a História (ALVES, 2010).

Seguindo ainda com a permissão do elementar, insta dispor um pouco sobre a dialética de Marx e Engels. Essa proposta, em elementar modo, trata-se de uma técnica, um método de análise dos fenômenos a partir da captura das suas contradições, dos antagonismos que foram responsáveis pela determinação dessas realidades percebidas e não a partir de pensamentos, de abstrações ou de um mundo absoluto de ideias. A realidade concreta resulta necessariamente desse embate, desse conflito entre determinantes que se rivalizam ininterruptamente, num movimento contínuo que é o que desdobra a própria História.

Ora predominando algumas posições, ora prevalecendo as oposições, a realidade vai se transmutando, avançando ou retrocedendo a partir de um ou do outro ponto de vista. Portanto, a razão acontece pela negação da realidade e se torna uma afirmação de outra realidade, que por sua vez se torna contraditória novamente. Um permanente diálogo, uma indeterminação contínua. Se a realidade está em movimento, o método dialético deve assim acompanhar para que não se perca de precisão como alertou o próprio criador.

A pesquisa deve dominar a matéria até o detalhe; analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e descobrir a conexão íntima que existe entre elas. Só depois de concluído esse trabalho é que o movimento real pode ser adequadamente exposto (MARX, 1985, p. 15).

Do apreendido acima sobre o método dialético, temos que na análise dos fenômenos sociais não podemos nos furtar de compreender os detalhes de cada elemento ou de cada sujeito que os compõem, além disso, devemos descobrir os nexos mais íntimos entre eles. Só então, após esse mergulho empírico ou compreensivo, verificando a contínua tensão entre eles é que se retorna à construção da realidade concreta e universal. O método seria, portanto, polifásico. Engels alude as fases do método nos permitindo sua exemplificativa visualização, de modo que:

Podemos conceber o primeiro juízo como juízo singular: registra-se o fato singular (o fato de que o atrito gera calor). O segundo juízo como particular; uma particular forma de movimento, a mecânica, mostrou a propriedade de transformar-se, em particulares circunstâncias (por atrito), em uma outra particular forma de movimento, o calor. O terceiro juízo é o universal: toda forma de movimento revela-se apta, aliás obrigada, a se transformar em qualquer outra forma de movimento (ENGELS, 1883, p. 663).

Dessa lição o autor nos demonstra que o melhor juízo para os fenômenos sociais deve ser demonstrado por um método em movimento onde exatamente através dessa cinética por fases é que ficam reveladas as propriedades neles veladas. Pelo método proposto é que cai por terra o mundo das aparências.

Segundo Lukács (2003), que bem estudou a estética da teoria marxista, a fase primeira seria a análise da expressão imediata dos fenômenos, da sua singularidade, do seu imediatismo, um concreto caótico ou de percepções comuns, de sentidos superficiais, a realidade aparente. A segunda fase seria o revelar das complexidades, as conexões internas, das leis que os regem, das particularidades intrínsecas do fenômeno social, um mergulho profundo em abstrações que

definem o fenômeno conceitualmente. A terceira fase seria então a do retorno a sua concretude total, onde o fenômeno passa a ser compreendido e explicado, após visto e pensado, para o senso do universalmente aceito. Marx (1985) corrobora que o conhecimento humano deve percorrer dois caminhos opostos: o de partir da realidade imediata, aparentemente singular, avançar até as mais altas abstrações, e então, o de retornar com realidade concreta, pensada, que então passa a ser compreendida de modo mais aproximativamente exato.

Santos et al. (2018) afirmam que o Materialismo Histórico-Dialético é o aporte necessário para explicar objetos sociais que impliquem relações humanas, seus meios de produção, de consumo, suas contradições e movimentos existentes nestas relações. Pode ser usado quando pensamos em vulnerabilidades dos sujeitos em classes, mais claramente, que possa ser a ótica utilizada para desvendar o aumento e a manutenção da acumulação do capital em detrimento da exploração do trabalho humano expresso por suas consequências.

Assim, a busca da melhor verdade ocorreria desvendando as aparências dos fenômenos no mundo, encontrando as verdadeiras intencionalidades que os motivam a ter uma visão que desnuda a alienação inicial. Esse processo investigativo se daria por mediações, com o uso conceitual de categorias mais genéricas, as quais podem ser apontadas por suas conexões e por suas contradições com a totalidade do fenômeno estudado. Passemos então à uma proposta de diálogo, uma espécie de modelagem do projeto de pesquisa em tela para sua interpretação pelo método elementarmente introduzido acima. Vamos ao movimento.

### **O MHD para a análise do sujeito da pesquisa**

O sujeito da pesquisa é o docente do Ensino Superior. Entender esse sujeito, preliminarmente, prescinde da compreensão sobre a estrutura organizativa do Ensino Superior no Brasil, que desde o seu início até os dias de hoje, prioriza a habilitação dos formandos para o mercado de trabalho e, por conseguinte, privilegia a formação por meio da transmissão de domínios e de competências profissionalizantes. Assim sendo, o professor que predomina nas instituições que ofertam cursos superiores no Brasil, muito embora já se perceba algumas mudanças, ainda tem o perfil de bacharéis com sucesso profissional nas suas áreas de atuação, ou seja, o perfil do: “quem sabe, automaticamente sabe ensinar” (MASETTO, 2003, p. 13).

Nesse sentido, é possível pensar que o espaço de formação superior no Brasil ainda é

um espaço docente de poder social, embora já haja consciência e regulamentação quanto à necessidade da aquisição de competências pedagógicas pelo corpo docente nesse nível de ensino. Ainda mais no presente contexto em que o desenvolvimento tecnológico e o fenômeno da globalização afetaram o cerne da proposta atual e, segundo Masetto (2003), exigiu revisão de carreiras profissionais e desse docente, mais a produção e a divulgação do conhecimento para além das fronteiras físicas das instituições.

Segundo esse autor, o docente deixa de ser meramente o repassador de informações profissionais atualizadas e passa a ser exigido por novas capacitações como, por exemplo; “adaptabilidade ao novo, criatividade, autonomia, comunicação, iniciativa e cooperação” (MASETTO, 2003, p.14), competências necessárias para promover o desenvolvimento do profissional humano, social, político e ainda o potencial econômico do país. O espaço de Ensino Superior deve, portanto, ser antes de tudo um momento de relações e convivências pedagógicas. Ao docente que hoje ainda se basta de renome, não mais se bastaria. Para Nunes e Oliveira (2017), trata-se de uma demanda de identidade profissional, de melhorias na formação inicial, de formação continuada e de atitudes que impactam na relação do docente com o trabalho.

E nesse sentido, por sua maior dedicação e formação pedagógica, esperava-se naturalmente a sua maior valorização. O que deveria ser um custo de investimento essencial nos novos tempos e para a plena Educação, por força de interesses econômicos diversos, caminha ainda por rumos incertos, muitas vezes em sentido oposto a essa expectativa.

Além de ser mais exigido por suas competências e saberes, o docente ainda passou a ser exigido pela não estagnação educacional advinda de momentos justificados como de força maior. Exigências que podem ter implicações diretas na qualidade de vida e para o adoecimento desse trabalhador. Eis que se faz mister compreender essa realidade a fundo.

Inicialmente, o que podemos ter em mente sobre o docente do Ensino Superior em relação ao Materialismo Histórico-Dialético (MHD) é que a ótica deva ser a da evidência quanto aos mecanismos de exploração de seu trabalho. Podemos perceber como se dá a organização das estruturas econômicas para atingir esse objetivo, (re)organizando aglomerados empresariais, ensejando a ascensão sobre a área da Educação. Essa passa a ser vista como uma mercadoria, e o mercado em tela seria o da Educação Superior.

Em contraposição, há a luta. Os movimentos dos docentes trabalhadores do Ensino

Superior insurgem em suas pautas comuns. Nesse campo de tensões de classes é que os resultados da pesquisa podem desaguar. As vulnerabilidades desses trabalhadores, nesse contexto, podem ficar expostas na análise dos dados coletados. É essa discussão preliminar conjectural de interesses econômicos que passamos a discorrer ainda neste tópico.

Para o Marxismo, o capital, a estrutura econômica dominante, reinventa-se em cada contexto histórico almejando manter ou aumentar a acumulação de riquezas. Essa é a base do materialismo histórico, as categorias da mais-valia e da alienação, da luta entre as classes dominantes e as trabalhadoras. Sem desaguar nessa compreensão não haveria que se pensar no MHD como método de compreensão dos resultados dessa pesquisa. Faz-se importante analisar a qualidade de vida e o adoecimento do sujeito trabalhador num contexto evidentemente histórico que é o da atual pandemia nas condições brasileiras. Se os dados apontarem para um contexto de precarização da atividade docente no decorrer das análises das categorias imbricadas com a qualidade de vida e no adoecimento dos sujeitos, com correlações fortes de causa-efeito pela reorganização laboral, teremos então substrato efetivo em que certamente se assentaria o MHD.

A precarização do trabalho, outra categoria do MHD, é antes de tudo uma estratégia econômica do sistema capitalista, operando no sentido da retirada de direitos dos trabalhadores historicamente conquistados, valendo-se de momentos de crise e de altos índices de desemprego estrutural. No momento atual, além da crise econômica e da crise de saúde pública mundial determinada pela pandemia, o trabalho docente socialmente distanciando é outro elemento que já vinha sendo circunstanciado e que ganha impulso. A pandemia parece ter vindo a calhar para essa precarização. A chamada “internet das coisas<sup>4</sup>” já estava em curso de tensão com a Educação.

De acordo com Engels (1988), as inovações tecnológicas geram novas formas de divisão do trabalho e alterações na qualidade das relações sociais. Para Santos (2012), na enorme quantidade de transformações a que assistimos, o poder do dinheiro invade as esferas da vida humana, fazendo com que as relações entre as pessoas, apagadas pela lógica desse poder que quase tudo compra, pareçam coisas. No campo educacional, pode-se perceber essas

<sup>4</sup> De acordo com Faccioni Filho “A “internet das coisas” surgiu recentemente como um novo conceito de “rede”, que abrange comunicações e processamento dos mais diversos equipamentos” (2016, p.11).

ressonâncias principalmente no trabalho docente.

Nessa seara de entendimento, os docentes já afetados pelo aumento de exigências em relação à sua qualificação e à sua competência, não se reconhecem enquanto unidade, alienam-se, passam então a disputar recursos para pesquisa nas agências de fomento, submetendo-se, portanto, a esta vulnerabilidade. É dessa forma que esses docentes parecem se tornar reféns de políticas de produtividade, avaliativas e meritocráticas, como meio de sua subsistência mercadológica, por temer o subemprego. Ocorreria a partir daí uma subtração da importância do papel docente pela formação crítica, autêntica, sensível e libertadora do alunado e, conseqüentemente, também ocorre a derrota docente no campo da política e da ética educacional.

Dentro dessa perspectiva, desdobramentos nefastos são percebidos. No atual momento, dentre outras, temos duas situações preocupantes do ponto de vista da precarização: a uberização<sup>5</sup> educacional e a educação remota. Na uberização há uma extensão do formato dessa relação original de trabalho para o setor da educação e se materializa fortemente no contexto da pandemia, no qual o docente é quem arca com todos os custos dos materiais e riscos do ambiente de trabalho, muitas vezes sem garantias mínimas, sem horário fixo de trabalho e ao mesmo tempo regido ou sob a subordinação implícita dessas empresas intermediárias, mediadoras do mercado educacional ou das mediadoras de tecnologias, por exemplo.

O trabalhador nessa situação se torna o provedor de todo o meio de produção, fica responsável pela sua manutenção e atualização, arca com todas as conseqüências que possam advir dessa relação. As empresas, por sua vez, passam a não ser regidas ou alcançadas pelos acordos coletivos e a pactuação passa para o plano individual, enfraquecendo mais ainda os trabalhadores docentes. Mudam as formas históricas, mas permanece a essência problematizadora do MHD, a lógica deixa de ser a da autonomia e passa a ser a da extração da mais-valia por meio da redução dos custos da força de trabalho, ampliação da precarização das profissões e intensificação do trabalho de forma perversa e alienante como ensina Silva (2019).

Para Fontes (2017), a necessidade de subsistência torna-se um imperativo avassalador e

---

<sup>5</sup> Esta empresa corresponde a uma plataforma global digital que propõe a pactuação entre motoristas e usuários com necessidades de serviço de transporte. Na prática trata-se de uma contratação precarizada caracterizada por uma terceirização informal sem garantias trabalhistas e sem jornada definida de trabalho. A empresa conecta os sujeitos da relação e retém percentual sobre o serviço prestado.

urgente. Para a autora, essa necessidade é travestida dramaticamente pelo capitalismo como se fosse liberdade. Mesmo em plena crise pandêmica, a dimensão econômica se sobrepõe em relação às demais dimensões da vida, aprofunda o desmonte de direitos trabalhistas conquistados historicamente pelos docentes, impondo-se por uma justificativa de necessário ambiente de austeridade. Pode ser na verdade uma forma de extração de mais-valia por um controle ideológico que quer parecer como algo moderno, empreendedor, mas que em totalidade podem ser formas de exploração cada vez mais inescrupulosas.

Quanto ao ensino remoto, temos uma situação em que os governantes decidiram por essa reconfiguração radical, caracterizando-se como uma mudança e tornando-se a alternativa principal para continuidade das práticas pedagógicas em todos os seus níveis a fim de cumprir a carga horária letiva. Os docentes se viram obrigados a trabalhar nos ambientes virtuais de ensino-aprendizagem e a dar conta dos diferentes contextos, da imprevisibilidade e, muitas vezes, da falta de condições objetivas para a sua implementação.

Para Miléo et al. (2020, p. 91), “Os docentes passam, então, a lidar com o imprevisível, vivenciando medos, angústias e temores em seu cotidiano, tendo que (re)aprender seu ofício e (re)inventar suas formas de ensinar”. Os trabalhadores da educação têm sido obrigados a se inserirem neste contexto, sob pena de perderem os seus postos de trabalho ou de outras penalidades. Mesmo os trabalhadores com uma certa estabilidade passam a ser ameaçados por este processo.

As jornadas de trabalho passaram a ser ampliadas pelo uso da tecnologia, sem qualquer aumento salarial, pois a preparação de materiais digitais demanda muito mais tempo e requer aprendizado de ferramentas, que também demanda tempo. Ou seja, tudo isso totalmente custeado e em desfavor do docente trabalhador. Além disso, as aulas podem ser disponibilizadas em plataformas livres sem remuneração por exibição, mantendo o trabalho docente numa perspectiva alienada, não humana, sem plena satisfação e que é feita apenas com sentido de produção de mercadoria que agrega valor (mais-valia) e a ser apropriado pelas empresas privadas, fundações e institutos que avançaram nessa perspectiva, em que o indivíduo deve ser capaz de consumir essa proposta de educação do capital, ou seja, educar-se por esses pacotes prontos para serem reproduzidos.

Mais ainda, vê-se um provável sistema ampliado de gerencialismo. Os docentes perdem

a autonomia de sua reputação, pois passam a ser observados e monitorados integralmente, aumentando as tensões com esses novos mecanismos de vigilância e fiscalização. Muitas vezes é transmitida essa responsabilidade aos pais e alunos e pode ocorrer um ranqueamento de qualificação, pois passam a ser avaliados até mesmo pelas próprias plataformas digitais, uma forma de responsabilização que expõe o profissional o tempo todo. Um mecanismo que pode ser utilizado para selecionar professores mais bem adaptados a esta nova realidade digital, inclusive desprezando bons educadores, numa espécie de darwinismo professoral<sup>6</sup> no qual há o risco de segregação dos que não se adaptem a esta nova realidade de trabalho.

É preciso considerar que essas novas situações podem gerar um processo de ansiedade e, conseqüentemente, adoecimento do docente. Além do sofrimento gerado pela insegurança laboral, cresce também uma insatisfação pela precarização e pela falta de autonomia (às vezes algumas atividades são colocadas para serem executadas sem que tenham sido preparadas pelo professor). Assim, há um aprofundamento da exaustão profissional, somando-se ainda o fato da exigência visual e auditiva pela fixação excessiva nas telas e nos equipamentos sonoros. Além disso, pode-se dificultar o processo de empatia pela falta de visualização dos interlocutores.

A nova realidade laboral acaba sendo um facilitador do uso indevido e manipulação de imagens. Ameaças reais pelo enfrentamento dos temas educacionais (persecuções jurídicas e ameaças informais partidárias contrárias), difamação e calúnias pelas descontextualizações de falas ou de trechos editados delas têm sido reportados e acabam por trazer mais desgaste ao docente.

Parece estar presente aqui todo o contexto favorável e problematizador para uma análise pelo MHD, pois os reflexos desse fenômeno sobre a qualidade de vida e o adoecimento do docente poderão ser captados e trazidos à realidade concreta por meio da pesquisa proposta. Os docentes em questão podem estar sendo expropriados de sua dimensão de vida para o atendimento dos interesses vorazes do capital. As particularidades regionais do recorte da pesquisa proposta também poderão ser da mesma maneira contextualizadas.

As análises do material empírico, a partir dos pressupostos do MHD, poderão mostrar

<sup>6</sup> Os professores que conseguem se adaptar com mais facilidade às novas demandas têm mais vantagem em relação àqueles que apresentam dificuldade.

que nos conflitos e tensões da cotidianidade do trabalho docente, pode-se fazer emergir os movimentos de enfrentamento e de ruptura pela luta contra as perversidades impostas pelo capital.

### **Qualidade de vida e adoecimento como categorias do fenômeno dialogadas com o MHD**

O MHD, quanto teoria ou método, não corresponde à uma utilização formal de regras sacramentadas ou à aplicação de estruturas procedimentais. Segundo Fernandes (1984), o Materialismo Histórico-Dialético é uma tese do marxismo, segundo a qual o modo de produção da vida material condiciona o conjunto da vida social e política. Segundo o autor, seria um método de compreensão e análise da história, das lutas e das evoluções econômicas e políticas. Para o próprio Marx (1985), a implementação do método deve pressupor, inicialmente, a captura da aparência da realidade (a representação inicial do todo) que então deva ser convertido em objeto de análise por meio de processos de abstração resultando numa compreensão de tipo superior e expressa, aludida como sendo a realidade concreta pensada.

Essa análise passa ainda, segundo Marx, pela identificação ontológica das categorias de um fenômeno, ou seja, abstrações localizadas por um sentido comum e abrangente que compõem uma ordem do ser. São agrupamentos concebidos pelo pensamento e que assumem formas históricas e transitórias em sua expressão, e assim, exibem-se como um produto conceitual. Para o autor, as categorias, embora possam ser expostas individualmente, têm elos (in)visíveis que dão sentido recíproco e ao se complementarem dão sentido à realidade social. Categorizar parece dar sentido a um grupo de elementos, objetos com semelhanças que encontram uma convergência conceitual.

Nessa linha de pensamento para o fenômeno em tela, duas categorias surgem de plano: A qualidade de vida e o Adoecimento do trabalhador docente. A fundo, no mergulho ou no descenso da abstração como indica o MHD, passamos a alcançar seus elementos materiais e históricos, suas intrínsecas e suas inter-relações individualmente.

### **Qualidade de vida docente e o MHD**

Um observador superficial procurando entender o que seria a qualidade de vida (QV) do docente traria à mente, imediatamente, uma ideia de múltiplos fatores relacionados à ela. De

maneira comum, ainda caótica, podemos pensar em elementos como prazer, saúde, disposição, satisfação, longevidade, completude, ou até os ambientar nas relações familiares, no trabalho, no lazer, na religiosidade ou na vida social, por exemplo.

À primeira vista, também parece ser uma compreensão que varia de pessoa para pessoa e que, assim sendo, também poderia mudar ao longo da vida de cada um, e ainda, dependerá do tipo de cultura em que o indivíduo se insere. Nesse último aspecto, é possível assumirmos prontamente uma característica que é a histórica, falando especificamente sobre a qualidade de vida do sujeito.

Também não é difícil pensar numa relação material para essa categoria já que nos parece estar associada aos fatores econômicos como determinantes. Ora, a qualidade de vida parece estar diretamente relacionada às questões de tensão entre o capital e o trabalho humano, como por exemplo, a remuneração salarial, as condições e as jornadas de trabalho. À primeira vista, poderíamos imaginar, por exemplo, que o lazer e a própria prática de atividades esportivas, muitas vezes, dependem de tempo próprio e de equipamentos particulares. Enfim, é fácil perceber que o materialismo é basilar ao se pensar a qualidade de vida, assim como o historicismo também se estabelece facilmente.

Prosseguindo no sentido de distanciamento do plano de senso comum proposto pelo MHD, podemos verificar posicionamentos diversos, antagônicos ou sinérgicos. Gill e Feinstein (1994) dispõem que qualidade de vida é uma percepção individual e está relativizada além da saúde a outros aspectos gerais da vida pessoal como a autoestima, por exemplo. O World Health Organization Quality of Life (WHOQOL) grupo sobre Qualidade de Vida da Organização Mundial da Saúde (OMS) define qualidade de vida como “a percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações” (WHOQOL, 1993, p.153).

Nahas considera uma visão holística sobre a qualidade de vida e a define como sendo “a percepção de bem-estar resultante de um conjunto de parâmetros individuais e socioambientais, modificáveis ou não, que caracterizam as condições em que vive o ser humano” (2017, p. 13). Loscocco e Roschelle (1991) tratam a questão com um olhar mais específico, indagam que a qualidade de vida deve ser analisada como a resultante da composição de realidades, que não devam ser separadas e assim sugerem categorias mais

materialmente dimensionadas como a Qualidade de Vida no Trabalho (QVT).

Nessa perspectiva, percebe-se a QV como uma categoria de realidades diversas e carregada de subjetividades sendo possível pensar em analisá-la sobre o prisma multidimensional ou em agrupamento a partir de realidades distinguíveis, mas com semelhantes características, o que seria feito por seus domínios. Assim caminhou o Grupo de Qualidade de Vida da OMS que demonstrou que é possível desenvolver uma medida de qualidade de vida aplicável e válida para uso em diversas culturas sob quatro domínios: físico, psicológico, das relações sociais e do meio ambiente, neste último está abrangido o meio ambiente de trabalho. A partir daí a pesquisa almejada utilizaria instrumentos que teriam a capacidade de emergir relações com a totalidade estudada e com maior chance de identificação com a realidade concreta.

Por outro lado, o MHD pressupõe tensão entre opostos. E o que seria pensar o oposto de qualidade de vida para um indivíduo? Se pensamos que QV é uma categoria de amplas facetas, mas que pode ser estudada pelos domínios anteriormente propostos, podemos pensar em um elemento em que possa ser antagonizado, mas comum, em cada domínio. Por exemplo, qual seria o oposto de qualidade de vida físico? De maneira semelhante podemos aplicar esse entendimento ao domínio da QV psicológica. O adoecimento mental é o oposto necessariamente a qualidade de vida mental? Pelo disposto parece aplicável se falar em Adoecimento Social ou Adoecimento Ambiental como oposto da Qualidade de Vida do sujeito nesses domínios.

Obviamente que poderemos encontrar as relações intrínsecas dessas categorias em seus domínios, pois quem adocece é o sujeito que sofre influências que podem vir do ambiente de trabalho. Nesse sentido, o trabalho de Cardoso Júnior et al. (2018) encontrou relações positivas de autopercepção de níveis de estresse regulares em docentes do ensino jurídico superior privado com suas múltiplas jornadas de trabalho ou maior carga horária de trabalho, confirmando correlação estatística destes com a pior qualidade no estilo de vida, com o adoecimento silencioso e com o pior desempenho acadêmico.

Intrigante pensar que a pesquisa proposta poderá também contribuir com essa medida ou construção conceitual, seus sentidos e seus significados. Mas podemos pensar em um elemento comum de antagonismos aos domínios e assim a sua totalidade ou a QV. Uma

proposta seria a de pensar um elemento que seria responsável pela ruptura com a percepção do satisfatório e não com o ideal para cada domínio, por exemplo.

Alguns autores usam a categoria Estresse para assim significar esse antagonismo. Dentre eles, Norbert Elias, sociólogo inglês contemporâneo, aponta que existe um desenvolvimento amplo na civilização, que parte desde posturas positivas do bem viver às questões mais complexas como mudança nas relações sociais e entendimento do ser humano. Para Elias (1984), as tensões pessoais resultantes levam a uma sensação de tensão e estresse, sendo o autocontrole constitutivo da natureza do ser humano, mas que uma vez rompidos os seus limiares, em qualquer dos domínios, ocorreria a perda da qualidade de vida.

Para Habermas (1989), no mundo do trabalho, as pessoas agem sempre de forma a manter-se e sublimam toda a sua agressão e essa relação mecanizada de autocontrole, típica da evolução social, leva ao estresse. Acordos, datas e concorrência, a pressão do desemprego estrutural, baixos salários, alta produtividade, más condições laborais e os assédios morais são expressões veladas do capitalismo que levam a um acúmulo de tensões e assim ao estresse. Eis aqui o materialismo desse antagonismo e a presença da historicidade que é determinada pelos contextos econômicos da cultura, próprios de cada momento das sociedades. As crises capitalistas seriam, portanto, sempre um pano de fundo para o estresse, para o rebaixamento da qualidade de vida do trabalhador. Nesse sentido, a pesquisa poderia avaliar o Estresse em cada domínio da Qualidade de Vida do Sujeito, por exemplo.

Mas o que se infere diante do exposto acima é polêmico. Ora, se o ser humano pode absorver ou sublimar certo grau de estresse e se adaptar sem comprometer a sua QV é porque Estresse não seria a categoria com significado diametralmente antagônico que se procura estabelecer. Aceitamos uma tensão teórica aqui. Se o estresse é algo inevitável no mundo capitalista, fundamentalmente no trabalhador, devemos pressupor que haja uma unidade ou categoria que delimita o teor ou o nível de estresse e que vá então, polarizar com a categoria da QV.

Freud (2010) preleciona que o indivíduo funciona mentalmente regido pela busca do prazer e pela fuga do desprazer. Mas, as dificuldades do mundo externo e as incessantes experiências de desprazer transformam o desejo na mais modesta realidade, no sofrimento. Na concepção de Dejours (1992), o sofrimento é uma luta do sujeito contra forças que o estão empurrando em direção oposta aos dos seus anseios. Segundo o autor, em grande parte, o

sofrimento do indivíduo está relacionado à necessidade do trabalho ou durante a execução das suas tarefas. Estes conflitos, muitas vezes, são resultantes das tentativas de adaptação entre a organização e o desejo individual. A organização do trabalho exerce uma ação sobre o indivíduo, afetando-o. Dejours afirma que o sofrimento começa quando “a relação homem-organização do trabalho está bloqueada” (1992, p.52).

Assim é possível entender que o estresse nem sempre é visto como agente antagônico na busca pela qualidade de vida. Segundo Selye (1975), o estresse é uma resposta orgânica não específica para situações de exigência do organismo. Para ele, a presença de estresse de forma moderada é uma normal adaptação às demandas do dia a dia, mas quando excessivo, passa a ser uma manifestação de sofrimento com reações físicas e emocionais de sintomas variados. Assim, poderíamos categorizar sofrimento como categoria antagônica à qualidade de vida em seus domínios físico, psíquico, social e ambiental (trabalho). A pesquisa deve ser pautada com essa diferenciação. Deve se valer do movimento dialético para chegar a esse nível de abstração e só depois entender que elas podem restar em real concretude.

De acordo com as ideias basilares de Marx e Engels sobre a visão econômica sempre em primeiro plano para compreender os fenômenos sociais em seus contextos históricos, a qualidade de vida do indivíduo estaria assim nitidamente nela enquadrada. Poder-se-ia entender que é da tensão entre o trabalho e o desejo, do socialmente exigido com o naturalmente desejado, que o capitalismo se revela em plano basilar à compreensão do fenômeno da qualidade de vida do sujeito, neste caso específico do Docente-Trabalhador. Elementar que precisa ter a discussão ampliada e confirmada empiricamente.

### **Adoecimento docente e o MHD**

Procurando no movimento do materialismo histórico-dialético a referência de um método que nos ajuda a compreender a realidade, partimos em busca das tensões intrínsecas e extrínsecas que podem delimitar a categoria ou o objeto do fenômeno a ser pesquisado, em tela o Adoecimento do ser, do sujeito do fenômeno, do trabalhador docente do Ensino Superior.

Em linhas gerais, entender o adoecimento como a perda da saúde do indivíduo é perceber por senso comum, o passo inicial do movimento. Da mesma maneira, podemos superficialmente entender o adoecimento do ser humano no domínio físico ou no domínio

mental ou mesmo de ambos. Mas o que significa ter saúde ou estar doente de maneira mais precisa?

Pelo conceito da OMS, "Saúde é o estado do mais completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de enfermidade" (OMS, 1948, p. 1). O conceito de saúde da OMS é mais abrangente e profundo do que aquilo que possa meramente ou caoticamente parecer quando se mergulha em abstrações e ideias conceituais. Segundo a OMS (1948), a saúde reflete a conjuntura social das pessoas e assim pelo ideário marxista, seria uma categoria que dependeria da classe socioeconômica das pessoas. Essa posição estará, portanto, dentro de um contexto de época, de lugar, dependerá de valores individuais, dependerá de concepções científicas, religiosas e filosóficas do indivíduo. Mais do que isso, dependerá do entendimento do que é o bem-estar. Jesus debatendo sobre as teorias do bem-estar e considerando a evolução teórica e prática assumida por este constructo ou categoria, o define como "o resultado da orientação geral positiva do sujeito para os acontecimentos de vida" (2006, p.129), o que a grosso modo seria o grau de satisfação do sujeito nas suas múltiplas dimensões de vida.

Voltemos para historicização do conceito de saúde da OMS, datado em 1948, criado para dirimir a celeuma que ora se percebe. Naquela época, este conceito de saúde refletia, de um lado, uma aspiração nascida dos movimentos sociais do pós-guerra, ou seja, da ascensão do socialismo. "Saúde deveria expressar o direito a uma vida plena, sem privações" (SCLIAR, 2007, p. 37). Nessa caminhada, poderíamos entender que ter saúde seria algo de inatingível quando pensamos que tal conceito ganha aspectos políticos, de difícil controle técnico e interventivo por seus juízos de valor pessoal e social dele inerentes. Foi essa mesma reação das estruturas econômicas sobre o meio técnico quando pretendeu limitar o conceito de saúde na questão objetiva, segundo ainda Scliar, retomando o conceito de saúde quanto à eficiência das funções físicas e mentais, corroborando assim o conceito de Christopher Boorse de que "saúde é a ausência de doença" (1977, p. 37).

Ocorrem aqui tensões contextuais e temporais em relação à categoria saúde e, por conseguinte, a categoria adoecimento. O que quer significar a OMS é a possibilidade de um caminhar por uma melhoria contínua, evitando cada dia mais o adoecimento dos indivíduos.

Não se trata o bem-estar, de ausência de sofrimento, ou ausência de estresse ou ainda que seja sinônimo de qualidade de vida. Teríamos, pois, a soma de prazeres (emoções positivas)

nas diversas interfaces da vida, como por exemplo, no trabalho. Nessa base conceitual, o trabalho convencional poderia ser sempre observado como um potencial fator de predisposição ao adoecimento, por exemplo. Tentar desarticular o conceito da OMS sobre saúde é uma contínua reação da estrutura econômica sobre o campo social, no qual o materialismo está fortemente presente. E assim, até mesmo por meio dessa forma de dominação conceitual, o capital tenta limitar o papel do Estado na promoção social como fonte de saúde pública.

Pensamos que pesquisar sobre o adoecimento do docente se amplia pela pesquisa da qualidade de vida do mesmo sujeito. É a abrangência do campo social em relação ao pesquisar dos objetos e dos fenômenos. Pelo corolário exposto, a pesquisa deve seguir então por duas vertentes, mas não se pode negar que essa tensão existiu e ainda existe. Aos pragmáticos e tecnicistas da área, seria difícil compreender que não é possível criar uma política pública sem critérios sociais, sem juízos de valor social. Ao capital se dedica este entendimento. Para ele, o trabalho convencional deve parecer sempre prazeroso.

## **Conclusão**

Na seara da pesquisa sobre a qualidade de vida e o adoecimento do docente do Ensino Superior poderia ser proposto o MHD como método interpretativo. A hipótese de correlação entre a exploração do trabalho e indicadores de qualidade de vida e de maior adoecimento docente, pelo uso do método, pode ser afirmada em viabilidade.

O olhar material, histórico e dialético proposto pelo MHD parece se assentar junto ao conjunto de ideias concatenadas no texto. O emprego de contradições conceituais intrínsecas e extrínsecas às categorias elencadas pode ser pensado como possibilidade de aproximação com a realidade e nelas encaixar a sua historicização.

Por fim, poderemos ter que, os resultados de uma pesquisa nessa temática possam revelar uma face muito perversa do capital. Oportunizando-se para consolidar sua real intenção, os meios empresariais podem se valer da deterioração das dimensões de vida pessoal do docente por meio de novas ferramentas, as digitais. Estas que aparentemente possam ser vistas como avanços educacionais, em verdade podem precarizar as condições de trabalho do docente e os vulnerabilizar cada vez mais ao limite de seu adoecimento.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Alvaro Marcel. O método materialista histórico dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade. **Revista de Psicologia da UNESP**, São Paulo, v. 9, n.1, p. 1-13, 2010.

CARDOSO JÚNIOR., Welton; CARDOSO, Berta Leni Costa; SANTOS, Alcir Rocha; NUNES, Cláudio Pinto. Jornadas de trabalho, estilo de vida e desempenho docente no ensino jurídico atual. **Acta Scientiarum. Education**, v. 40, n.3, e.40411, 2018. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/acta>. Acesso em: 24 out. 2020

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. Trad. Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. 5. ed. São Paulo: Cartaz – Oboré, 1992.

DONIZETI, Luciano. Sartre e o marxismo: Humanismo radical e materialismo dialético. **Dois pontos**, Curitiba, São Carlos, v. 13, n. 1, p. 129-149, abr. 2016.

ELIAS, Nobert. **A sociedade dos indivíduos**. 1. ed. Jorge Zahar. Rio de Janeiro.1984

ENGELS, Friederich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Tradução B. A. Schumann. São Paulo: Boitempo, 1988.

ENGELS, Friederich. **Dialética da Natureza**. São Paulo: Boitempo, 1883.

FACCIONI FILHO, Mauro. Internet das coisas. Palhoça: UnisulVirtual, 2016.

FERNANDES, Florestan (org). **K. Marx, F. Engels. História**. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1984.

FONTES, Virgínia. Capitalismo em tempos de uberização: do emprego ao trabalho. Marx e o Marxismo - **Revista do NIEP-Marx**. Niterói, v. 5, n. 8, p.45-67, jan/jun. 2017.

FREUD, Sigmund. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In: FREUD, Sigmund. 1856-1939. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia**: (“O caso Schreber”): artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). Tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GILL, Thomas M.; FEINSTEIN, Alvan R. A critical appraisal of the quality of quality-of-life measurements. **JAMA**, v. 272, p. 619-626, Agosto 1994. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jama/article-abstract/378367> . Acesso em: 02 Jul. 2021.

HABERMAS, Jürgen. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

JESUS, Saul N. Psicologia da Saúde e Bem- Estar. **Psicologia da Saúde**, Algarve, v. 14, p. 126-135, jul-dez 2006.

LOSCOCO, K.A.; ROCHELLE, A.R. Influences on the Quality of Work and Nonwork life:

Two Decades in Review. **Journal of Vocation Behavior**, p. 182-225, 1991.

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARX, Karl. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**; [tradução e notas Nélio Schneider ; prólogo Herbert Marcuse]. São Paulo : Boitempo, 2011.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política**. Livro I: o processo de produção do capital [1867]. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 1985.

MARX, Karl. **Contribuição para a crítica da economia política**. Tradução e introdução de Florestan Fernandes. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MASETTO, Marcos T. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

MILÉO, Irlanda do Socorro de Oliveira; FREITAS, Léia Gonçalves; LOPES, Raquel da Silva; PARENTE, Francilene de Aguiar. Ensino Remoto Emergencial e o Isolamento Social: a precarização da escola pública e do trabalho docente. In: UCHOA, Antônio Marcos da Conceição; SENA, Ivânia Paula Freitas de Souza; GONÇALVES, Maria Elizabeth (orgs.) **Diálogos críticos**, Porto Alegre: Editora Fi, v. 3, p. 88-123 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/berta/Downloads/013%20-%20Di%C3%A1logos%20cr%C3%ADticos,%20volume%203.pdf> . Acesso em: 10 jun. 2021.

NAHAS, Marcus V. **Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo**. 7. ed. Florianópolis, 2017.

NUNES, Cláudio Pinto; OLIVEIRA, Dalila A. Trabalho, carreira, desenvolvimento docente e mudança na prática educativa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 43, n.1, p.65-80, jan./mar. 2017.

OMS, ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Constituição**. Genebra: [s.n.]. 1948.

PAULA, João A. D. A Produção do Conhecimento em Marx. **Revista Temporalis Caderno Abess**, Cortez: São Paulo, n. 5, p. 17-42, 1992.

SANTOS, Sheila D. M. D. A precarização do trabalho docente no Ensino Superior: dos impasses às possibilidades de mudanças. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 46, p. 229-244, out/dez 2012. Editora UFPR.

SANTOS, Tatiane Araújo; SANTOS, Anderson Silva; MASCARENHAS, Nildo Batista; MELO, Cristina Maria Meira. O MATERIALISMO DIALÉTICO E A ANÁLISE DE DADOS. **Texto Contexto de Enfermagem**, Salvador, v. 27, n. 4: e0480017, p. 1-8, 2018.

SCLIAR, Moacyr. História do Conceito de Saúde. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, p. 29-41, mar. 2007.

SELYE, H. Confusion and controversy in the stress field. **J Human Stress**, v. 2, p. 37-44, 1975.

SILVA, Amanda M. D. A uberização do trabalho docente no Brasil: uma tendência de precarização no século XXI. **Trabalho Necessário**, v. 17, n. 34, set-dez 2019.

WHOQOL. Study protocol for the World Health Organization project to develop a Quality of Life assessment instrument (WHOQOL). **Quality of life research.**, v. 2, p. 153-159, 1993.

Submissão em: 12/03/2022

Aceito em: 21/07/2022

Citações e referências  
conforme normas da:



ASSOCIAÇÃO  
BRASILEIRA  
DE NORMAS  
TÉCNICAS